

ONDAKA

Boletim Mensal do Projecto Comunitário Vozes da Paz Ano 3 Nº30 Novembro 2003

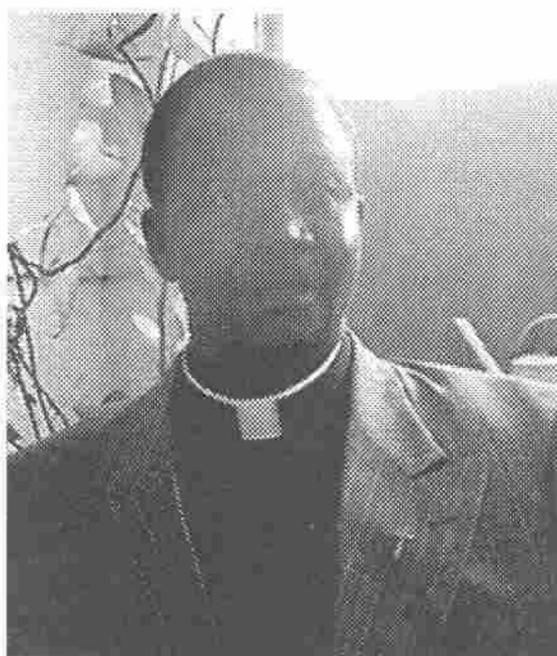
Nem cem Kwanzas nem comida



A embala de Cachilengue situa-se à 11 kilometros do município do Katchiungo, com 11 aldeias e aproximadamente 3835 famílias, exigem que lhes sejam explicado os 100kzs que deram por cada que na altura era a condição para serem abastecidas com bens de consumo através da organização não governamental ASA.

Pág. 7

Dia dos defuntos o que é?



O Padre Augusto Epalanga diz que, comemora-se o dia dos defuntos desde o século XI. Muitos pensam que a vida termina no buraco, mas para os cristãos, este dia não é de luto, mas é de reflexão e oração. Enquanto o padre dá ênfase a este dia o pastor Mário Vontade disse: "Eu não comemoro este dia. Posso homenagiar um parente meu que morreu há muitos anos, uma figura da nação, isto não é problema. Agora, no sentido de fazer preces, orações a favor daquele que morreu, isto não encontra resposta para mim."



Pág. 11

A nossa festa da dipanda

Na minha opinião valeu a independência para os angolanos. Porque nós não podíamos continuar a ser subjugados pelo colono.

Págs. 8-9



Rosto do Mês

Eci ndakwata ocisanji, twa kala ocimuka comanu va kwâla kwenje upange wetu wakala okuyevelela ovipama vyo citundo vo cipama Angola Combatente, okupisa kofeka yo Congo.

Pág. 3



ONDAKA é financiado pela Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e a Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC).

Editorial

Passaram dias e meses. É assim que começamos a dar o adeus ao ano 2003. Um ano que foi marcado com a expectativa de querer ver esta Angola melhor. Um ano que colocou no dicionário angolano palavras como construção de paz, eleições, reconciliação, perdão e desenvolvimento.

É disso que nós queremos perguntar e reflectir. Que passos foram dados? Estamos ou não reconciliados para mantermos a paz? Temos ou não um sistema montado de controlo dos recursos materiais e humanos para melhor organizar os nossos conhecimentos que nos levam a um desenvolvimento? É bastante difícil medir o que acontece, nesta Angola onde falta de tudo um pouco. Onde a maioria das infra-estruturas pararam durante mais de três décadas. Ali consiste a razão pelo qual uns aparecem dizendo terem

feito muito e outros dizem não se ter feito ainda nada. São ou não suficiente os 19 meses desde a assinatura do memorando do Luena para acudir os problemas que afectam os cidadãos?

Neste ano que festejamos a nossa festa da dipanda justamente com as armas caladas devíamos reflectir nos problemas principais que nos levaram num mar de problemas. Temos de trocar as palavras bonitas dos nossos líderes com as acções. Temos de perceber muito mais os nossos direitos e deveres. Temos de estar mais atentos nos programas e projectos implementados do que em pequenas inaugurações. Temos de escolher bem as prioridades.

Mas temos de acreditar que isto só é possível se todos forem envolvidos. Não só envolvidos mas devem compreender bem as coisas e saber o porque é que elas acontecem. Devemos todos em

conjunto olhar para o passado de uma maneira crítica. Devemos passo a passo seleccionar coisas boas e deixando as coisas feias. Devemos acreditar que nada é impossível ser feito. Temos de aceitar que estas coisas não acontecerão de dia para noite. Mas temos de o fazer. Temos que ser mais organizados, disciplinados e usarmos o potencial de conhecimentos deste belo povo.

Assim feito de braços dados de Cabinda ao Cunene teremos uma Angola de todos e a paz será um facto.

Para o fim deste ano, o Ondaka dá um abraço especial aos nossos leitores. É um muito grande obrigado aos seus colaboradores e aos grupos comunitários que fizeram com que o Ondaka hoje fosse um facto.

Espaço do leitor

Somos a informar que através da CCF-BIE, o Boletim Ondaka



chega mensalmente no município do Kunhinga (área de intervenção da CCF). As edições dos meses de Julho e Agosto/03,

chegaram também às Instituições do estado a nível do Município, Administração municipal, Comando da Polícia, Direcção da Educação, Secretariado da OMA, Escolas do primeiro e segundo níveis da missão do Vouga, segundo e terceiro níveis do Kunhinga, escola do primeiro nível do Essanjo.

Para efectivar a divulgação do boletim, vai em anexo a entrevista de um membro da comunidade amante do Ondaka.

Agradecemos no sentido de divulgar a informação no Boletim porque estamos a receber muitas solicitações e louvores sobre o boletim.

Tratando-se de um boletim informativo comunitário, sugerimos que se evitasse divulgar tecnologias modernas no boletim enquanto se pode falar das tecnologias adaptadas. Esta experiência pode promover intercâmbios entre províncias.

Afonso Maquiadi António
Representante Provincial do Bié-CCF.

ONDACA

Ficha Técnica

Coordenação: Quintas Júlio

Redacção: Júlia de Campos

Paginação: Margrit Coppé

Ilustração: Martinho Daniel

Revisão: Cupi Baptista, Beat Weber, Jonathan Howard

Produção: Grupos comunitários da Santa Teresa, Losambo, Samacau, Vilinga, Nzaji, Kilombo, Km25, Sambo, Funileiros, Gomes e Fátima no município de Katchiungo

Editado por:

DW - Development Workshop - Huambo

Endereço:

Rua 105 casa 30

Bairro:

Capango - Huambo

Tel :

(041) 20 338

Email:

dw@huambo.angonet.org

Rosto do Mês

Nda citiwa keteke lye kwi kosāyi ya Mbala Vipembe kunyamo wo hulukāyi ovita eceya akwi akwāla la vivali ko Chiumbo vimbo lyo ko

Rita Vimbwando José, eci vakala, Kosanjala yo ko Bomba Alta mulo vo lupale lwo Huambo.

lohenda yu wapangele ovimuenyo vyetu twa kwata epondolo lyokusupapo toke etali ndi vangula ndeti.



Kaliweke kombala yoko Mbunju, ndinungambo yo ko S. José, ndusonehi watete wo MPLA ko sanjala yo S. José ko nepa yo Vilinga.

Tate eye Daniel Vilyenge, njali yange yukāyi onduko yaye Marcelina Natumba. Nda tangela mwele vimbo lyetu lyo Kaliweke. Noke ndanda ko Centro Kawala ko Chiumbo hako, eci nda tundako ndanda ko Missão yo ko Dondi okwamisako lalilongiso vange.

Noke ndeya kulo ko Huambo locisoko ca kwāla kelilongiso. Upange wange watete ndakwata vu kapatasi, cilomboloka ndasongwala omanu vateta oviti vyomboyo ko civanja co Katchiungo.

Vo kwenda kwoloneke nda sokolola oku lipongolola olomati, kwenje yu nda sima okwiya mulo vo lupale. Eci nda pitila kulo ko Huambo, nda sikila konjo yonjali yange yumalehe londuko Jesé Chilembo Eduardo lukwanjo yaye

Ko kwavo olopandu vyange vinene ngeca ku pange vandingila, momo ndasanga upange wavali mulo vo Huambo kolonjo vyoku semulula ovikete vya kundinginda. Okupisa opo nda tyamela konepa yo citundo co MPLA okwenda loku yevelela ovipama vyo citundo eci, oku tunda ko Congo Brazavile kwenda okukwamisa ovopange vatyamela ko citundo caco. Pwāyi ceya okuti kunyamo wohulukāyi ovita eceya akwi epanduvali, eci nda kwata ocisanji, twa kala ocimuka comanu va kwāla kwenje upange wetu wakala okuyevelela ovipama vyo citundo vo cipama Angola Combatente, okupisa kofeka yo Congo.

Kwenje eci ca kala eteke lyekwi laveli ko sāyi ya Kupemba kunyamo waco umosi hawo, ceya okuti twa yeviwa lakwenje vo PIDE ku vyali wa cikolonya kaputu wa tivyalele kotembo yaco, noke twa kwatiwa, haco twa kapiwa vokayike kavelapo kekangiso, kwenje oloneke vyesombiso eci vyapwa, oco twa tumiwa konele ya kalunga kutukwiwa hati São Nicolau, ko lupale lwo ko Namibe, oko twa kala okulinga upange watilã calwa, hawo wambata ovimuenyo vyalwa vyomanu vakwekova litekāva okuti ka cipopiwa. Nda kalako anyamo akwāla lokumōla omanu vetu okwimbiwa volo folono vyo ndalu.

Pwāyi hacoko lika nda mōla, cikolonya kaputu wa lingangavo okuti vokulya wakapa kapamo ovinenu ndeci ondendete, oco canena vali olofa vikwavo locipulukālo capyāla enene, pwāyi

Nasci no dia 10 de Outubro de 1942 no Chiumbo, vivo no bairro do S. José, no bairro sou primeiro secretário do MPLA. Estudei na aldeia do Kaliweke- Chiumbo, mas tarde continuei com os meus estudos na Missão do Dondi. Posteriormente vim para esta cidade do Huambo já a estudar a 4ª classe.

Empreguei-me pela primeira vez no CFB, (Caminho de Ferro de Angola), e desempenhava as funções de orientar os outros que dedicavam-se no corte de paus para o comboio. Pertencia no movimento do MPLA a distância. Escutando os seus programas pela rádio à partir do Congo Brazavile.

Em 12 de Maio de 1970, eu e os meus 4 amigos que também gostavam de escutar o programa de Angola Combatente, fomos denunciados e presos pela PIDE portuguesa. Sofremos muito naquela cadeia. Fomos executando trabalho forçado e muitos de nós perderam as suas vidas.

Foram 4 anos. Vi com os meus olhos homens a serem queimados em fornos de fogo e vi também os portugueses colocando veneno na comida o que causou muita morte.

FILHO ESPANCA SEU PAI

João Mwesapi residente do bairro dos Funileiros, espancou o seu pai, quando este advertiu-o por abuso excessivo de andar com mulheres de outros homens.

João bateu seu pai quando foi



apanhado a manter relações sexuais com a Madalena, esposa de Pedro Kayeye. Passados alguns dias João foi apanhado outra vez a manter relações amorosas com a irmã da Madalena.

Enquanto João espanca o seu próprio pai, no bairro do Nondo José Bolokoto espancou Domingos Bartolomeu de 43 anos de idade.

O espancamento começou quando Bartolomeu pediu um tambor para fazer caxi. Bolokoto aproveitando o pretexto da panela espancou Bartolomeu. Segundo a nossa fonte revelou-nos que a surra foi um ajuste de contas. “Esta surra é o troco das maldades que me fizeste durante a ocupação da Unita na cidade. Fiquei nas cadeias da Unita, foi ele que me queixou alegando que eu pertencia ao MPLA”, afirmou Domingos quando estava a ser interrogado.

Apesar das mágoas que isto provocou o soba daquele bairro afirma ter resolvido localmente o problema.

OMÔLA OTIPULA ISE YAYE

João Mwesapi nungambo yo ko lo Funileiros, watipula ise yaye eci alemela omôla waye kokwenda lakâyi vamãle.

João watipula ise yaye eci akwatiwa okulinga uvasi la Madalena, ukâyi wa Pedro Kayeye. Eci papita vali oloneke vimwe, João wakwatiwa vali okulinga uvasi la manja a Madalena. Osimbu João atipula ise yaye ko sanjala yo ko Nondo José Bolokoto watipula Domingos Bartolomeu ukwalima vasoka akwi akwãla la tatu. Elinga eli lyokutipwiwa, lyafetika eci Bartolomeu apinga etamboli lyo ku kenja owalende. Bolokoto walimwisa vepuluvi eli okutipula Bartolomeu. Omanu vamwe valombolola hati eye watipwiwa momo valikwetele olonyeño. Eye hati: “eyi onima yove wandingila eci twakala lo Unita voluptale. Ndakapiwile vokamenga ko Unita u eye wandisikwile hati u otyamela ko MPLA”. Wacipopya Domingos eci akala okupulisiwa.

Pole soma yimbo hati ocitangi caco capotolwiwa mwele vimbo.

Enviado pelo grupo dos Funileiros

QUERO O MEU MARIDO DE VOLTA

Tarcísio residente na aldeia de Tchingolo-Sambo polígamo há 8 anos com a sua enteada decidiu abandonar a sua esposa para viver com a enteada. Mas a Miquilina, esposa dele e mãe da nova esposa do marido não quer que isto aconteça.

A relação do Tarcísio com a enteada deu-se quando Miquilina se encontrava doente. Juntos iam sempre à lavra e o padraço começou a conquistar a menina que é hoje sua esposa. Salienta-se que desta relação, Tarcísio e a sua enteada nasceram 4 filhos. “Eu

quando vi que a minha filha estava grávida tentei perguntar, mas não me revelaram o segredo. Já encontrei a minha filha com o meu esposo a manterem relações sexuais no meu quarto e na minha cama, agora têm 4 filhos”. Frisou a Miquilina. Porém o marido alega ter morrido muitos filhos da Miquilina, por isso prefere ficar com a sua filha. Os sobas já tentaram resolver logo no primeiro filho, mas não tiveram êxitos. Hoje o caso tornou à mesa, porque Tarcísio acha que deve ficar apenas com a enteada.

NDIYONGOLA OKULITYUKILA LULUME WANGE

Tarcísio nungambo yo kimbo lyo ko Tchingolo-Sambo ukwaluvale la ngenda lana pokati kalima vasoka ecelâlã, wasokolola okusyapo ukâyi waye oco akale la ngenda lana. Pole Miquilina ukwanjo yaye, haye yina yo môla walinga ukâyi waye, wacisumwila.

Ocisola ca Tarcísio kwenda ngenda



lana cavokiya eci Miquilina akala lokuvela. Kavali kavo vandanda ko vapyã, yu ayonjayonja kamôla cilo walinga ukâyi waye.

Cokulombolola okuti vocisola eci, mwacitiwa omãla vakwãlã. “Eci ndakalimbuka okuti omôla wange walikuta, ndapuliliya pole lomwe wosapwila ocili. “Ndasiña

omölange lulume wange vohondo yange kwenda vula wange, cilo vakwete omälä vakwäla". wacipopya Miquilina.

Pole ulume walombolola hati vasyata okufisa calwa omälä, oco akasilili langenda lana. Olosoma vyasetekele ale okutetulula ocitangi caco eci vacita omöla watete, pole vacituva. Cilo ocitangi caco cikasi vali ko tando, momo Tarciso wasokolola okukala ño la ngenda lana.

Enviado pelo grupo do Sambo

PARECE VIROU MODA A MORTE PELA CLOROQUINA

O cidadão que em vida chamava-se Cinco, de 32 anos de idade, que residia no bairro da Chiva, suicidou-se com 34 comprimidos de cloroquina.

O facto ocorreu, porque Cinco



nunca teve filhos e quando soube que a Jamba sua esposa, estava concebida com um outro homem, tomou 34 comprimidos de cloroquina que causou-lhe a morte imediata. A comunidade acha que o Cinco, em vez de se entoxicar com os medicamentos e morrer devia recorrer as consultas tanto em hospital ou em ervanárias para solucionar o seu problema.

CALINGA OCITUWA OKUFA LO CLOROQUINA

Ulume watukuwile londuko ya Cinco wakwata alima vasoka akwi atatu la vali. Wakala ko sanjala yo ko Chiva, waliponda lakwi atatu la kwäla kolomema vyo cloroquina.

Eci capita momo okuti kalakwata omöla vomwenyo waye. Noke eci ayeve okuti ukäyi waye londuko ya Jamba, wamina lulume ukwavo, oco cokokela okunywa eci ca soka akwi atatu la kwälä kolomema vyo cloroquina, vyo kokela olofa. Omanu vasima hati mbi ulume u ndeti nda walisakuisile lo vihemba vyumbundu oco apotolole ocitangi caye hambi okuliponda.

Enviado pelo grupo do Vilinga

PLANEAMENTO FAMILIAR NO HUAMBO

Realizou-se um seminário sobre planeamento familiar, promovido pela Direcção municipal da Saúde em parceria com o UNICEF nas instalações da Delegação Municipal da Saúde.

O encontro contou com a participação de 25 pessoas ligadas à saúde, vindas de diversos municípios da província. No acto do encerramento o Dr. Vicente informou ao Ondaka que o seminário teve quatro objectivos fundamentais:

- Dar oportunidade a formação contínua, daqueles que são provedores do serviço caso particular do planeamento familiar.
- Integrar a componente do planeamento familiar, dentro da componente sexual reprodutiva e não só.
- Reforço institucional.
- Reencontrar no meio de todos intervenientes um espírito de parceria.

O Dr. Vicente ainda realçou que este projecto piloto tem a duração aproximada de 10 meses e em função dos resultados que possa ter acredita que há de expandir-se a nível de todo país.

OKUTEYUULA OKUCITA OLUVUTU VO HUAMBO

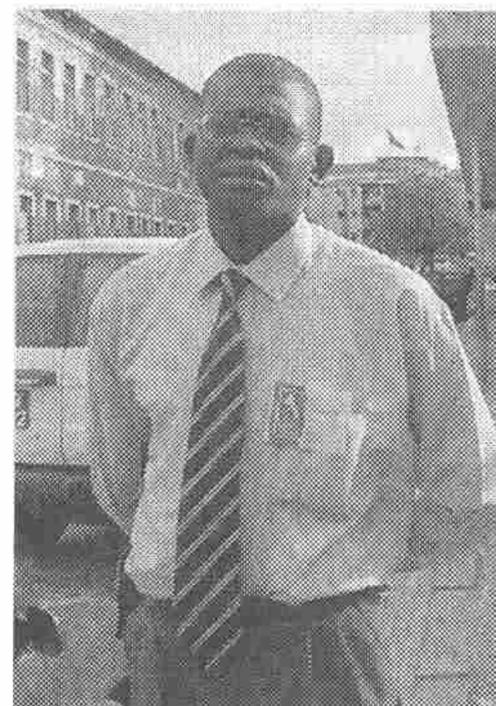
Kwandisiwa ukulihiso umwe watyamela ko ku teyuila okucita

oluvutu, upange watenda lumitavaso vü hayele kumwe lo Unicef ko citumälo cisulemo cu hayele kuna kwapungikile eci ca soka akwi avali la tälö komanu vatyamela ku hayele vatundilila kolonepa viñi viñi vyo lupale.

Ke teke lyasulako, Cimbanda cundele Vicente, walombolola ko Ondaka okuti ukulihiso wakwata ovimaho vyasoka vikwäla. - Okweca ukulihiso vutongeka, ko manu vatyamela kovopange ava, capyäla enene kwava vatalavaya lo lonjali.

- Okutumbika upange watyamela kolonjali, pokati kovopange vo ku sanga omäla, pole hacoko lika cavelapo okweca esapulo lyaco ko wiñi olonjanja vyosi momo cikwete esilivilo lyalwa ku hayele wo njali kwenda omöla.

- Esapulo lyakwavo lyeli okuti Nguluvulu lika lyaye, katela okutetulula ovitangi vyosi, cisukila okuti uvyali vu siña ekwatiso kuvana vakwete onjongole yo ku kwatisa ofeka, momo okutunda vuyaki, cisukila ekwatiso lyavosi okweca elilongiso ko manu,



locimaho co ku kwatisa omanu. - Okusanga pokati kavosi espilitu likwatisa, momo likawetu katulingi cimwe. Cisukila okuti valitumbika kovopange vaco, vakwata ocihasu cimosi toke kovaso yo loneke. Cimbanda

Vicente handi walombolola hati upange wafetikiwa vu katumãla olosãyi vya soka ekwi, kapako vakamwiwa eye otava okuti upange waco vukatanda kolonepa vyosi vyofeka. Cilo vatenda ale leci ca soka olomunicípio ecelãla. Noke pokati ko losãyi ekwi vakataliliya ndomo ovopange valingiwa oco noke vakakulihisa nda cakwata esilivilo ale ndati ocisimilo caco.

Enviado pelo grupo do Samacau

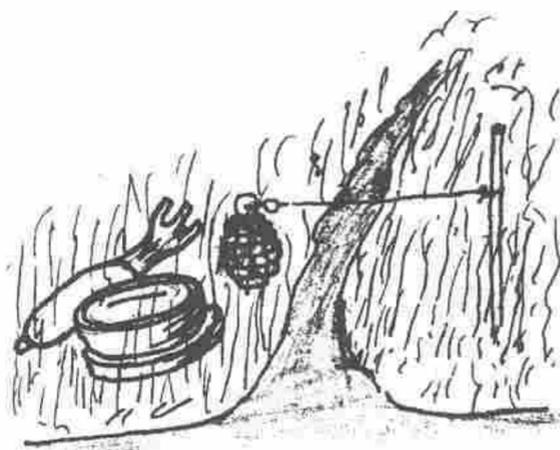
MINAS NO HUAMBO TRAVAM O AVANÇO DAS OBRAS

Um tractor da INEA que reparava a estrada que liga o Huambo ao Sambo accionou a uma mina na ponte do rio Luameno.

O tractorista e os ocupantes saíram daí ilesos. Segundo algumas fontes a estrada já foi desminada pela Halo Trust. Mas é bem provável que a mina seja antiga.

ATENDA VO HUAMBO VATATEKA OVOPANGE

Etilindindi lyo INEA lyakala okupanga etapalo litokeka o Huambo lo Sambo, yalyata ke tenda pe yavu lyolwi Luameno.



Endisi lomanu vandlelelemo vapuluka. Omanu valombolola hati etapalo lyaco lyopiwa ale atenda vo posi lesokiyo litukwiwa Halo Trust.

Citava okuti etenda lyaco lyosimbu.

Enviado pelo grupo do Sambo

NDENDE CLAMA POR UMA ESCOLA E POSTO MÉDICO

O bairro do Ndende que fica a Norte da cidade do Huambo, pertencente a comuna da Chipipa, precisa de uma ajuda urgente na construção de uma escola e de um posto médico. As crianças estudam na capelinha. Por isso os moradores desta aldeia do Ndende pedem ao governo e a outras organizações para apoiarem na construção destes empreendimentos.

Enquanto a escola e saúde é problema o Henrinque Katiavala aproveitou o dia dos defuntos para ser um novo profeta.

Katiavala depois de uns copos foi à igreja onde os membros da comunidade se juntaram para comemorar o dia dos defuntos, chamando-lhes de mentirosos e que



a realidade estava do seu lado. Os crentes chamaram tal atitude como uma falta de respeito ao próximo e alertam a todos aqueles que depois das suas canecas invocam o nome de Deus a abandonarem tal prática porque revela injúria e imoralidade.

VA NDENDE VASUKILA O SIKOLA KWENDA ONJO YU HAYELE

O sanjala yo ko Ndende yisangiwa ko nano yo lupale lwo Huambo, pole vatyamela ko mbonge yo ko Chipipa, vasukila ekwatiso lonjanga yapyãla, oco va vatungileko osikola

kwenda ocitumãlo cuhaye.

Omãla vatangela vonembe. Omo lyaco, omanu vimbo lyo Ndende, vapinga ku vyali kwenda ka sokiyo vakwavo oco va vatungileko ovitumãlo evi ndeti.

Osimbu osikola kwenda onjo yu hayele calinga ocitangi, Henrique Katyavala walinga upolofeta veteke lyakala lyo ku sokolola vakwetu vatusyapo. Katyavala walikapula olokopo vimwe vyo walende, kwenje wanda toke vonembele mwakala vakwetavo vakala okulikutilila veteke lyavakwakwenda, yu avatukula ndolohembi, lokupopya hati ocili cakasi kokwange.

Vakwetavo valombolola okuti elinga eli, ekambo lyo cisumbiso kwenda vapinga kuvana vakwete ocituwa caco co ku sivaya Suku lovisingo vya ñala okola luholwa, oco vacisyepo momo civi calwa.

Enviado pelo grupo dos Funileiros

QUEM DEVE COBRAR CABRITO? QUIMBANDEIRO OU ELA?

Uma senhora residente na aldeia de Kakaka pediu um cabrito ao Quimbandeiro para matar o seu marido que ela acusa de feiticeiro da sua própria filha.

O facto aconteceu quando a esposa revoltou-se por causa da filha que se encontrava todos os dias doente e acusou o seu próprio marido Flaviano Kulembalala de 68 anos de idade de feiticeiro.

O Quimbandeiro frustrado pela atitude da senhora que lhe pediu o cabrito, bateu-lhe e ao mesmo tempo foi ao encontro do marido para explicar o que estava acontecer. O marido e a sua família ao receberem a notícia bateram o Quimbandeiro.

O caso foi entregue a investigação criminal que condenou os envolvidos nesta confusão durante seis dias de cadeia.

**HELVE OPONDOLA
OKUPINGA OHOMBO?
CIMBANDA ALE EYE?**

Yumwe ukāyi nungi yo kimbo yo ko Kakaka, wapinga ohombo ku Cimbanda oco aponde ulume waye asunga ndomunu okasi okulova omōla waye mwele.

Ocitangi camolehã, momo ukāyi wasumwa omo lyo mōla wavo wasyata okuvela oloneke vyosi, yu asunga ulume waye Flaviano Kulembalala ukwalima vasoka akwi epandu lecelãla ndonganga.



Cimbanda lonyeño yalwa, omo lye linga lyukāyi wopinga ohombo, wotipula noke wanda toke kulume waye okusapwila eci cakala okupita. Ulume kumosi lepata eci ondaka yaco yavapitila, watipula Cimbanda.

Ocitangi caco catetulwiwa kombonge, yu vosi yavo vakapiwa vo kamenga oloneke vyasoka epandu.

Enviado pelo grupo do Km25

**CHUVAS DEIXAM SETENTA
FAMÍLIAS SEM CASAS NO
BAILUNDO**

No município do Bailundo cerca de setenta casas caíram por causa das chuvas que abatem torrencialmente nos últimos dias na província do Huambo.

Enquanto no Bailundo setenta famílias ficam sem casas, na aldeia do Lossambo uma senhora que aparenta ter 60 anos morreu

**NEM CEM KWANZAS NEM
COMIDA**

A Embala de Cachilengue a 11 kilometros do município do Katchiungo, que controla 11 aldeias e com aproximadamente 3835 famílias, exige que lhe seja explicado onde estão os 100 kzs que deram, pois na altura era a condição para serem abastecidos com bens de consumo através da organização não governamental ASA.

Segundo o soba Belchior o dinheiro recolhido serviu para pagar os delegados que fizeram as inscrições, outra parte foi entregue aos funcionários do PAM e do ASA. Esta afirmação é contrariada pelo Lucas Sawendo Regedor da Embala, que afirma que dos 26 mil kwanzas recolhidos 600 kwanzas serviram para comprar cadernos e lapiseiras, 4000 kwanzas foram entregues a um dos funcionários do ASA e o restante do dinheiro serviu para custear as viagens para a cidade do Huambo a fim de contactar a organização do ASA e PAM.

“No ASA demos apenas uma gasosa de 4000 kwanzas, isto não é legal não foram eles que pediram” disse o regedor Lucas Sawendo quando reagia o porque entregou dinheiro a uma organização.

Enoque Joaquim, logístico do ASA afirmou ao Ondaka que o problema desta aldeia está em negociações entre a sua organização e o PAM.

Segundo o Simon, representante do PAM prometeu ao ASA e aos líderes que serão abastecidos a partir do dia 15 de Dezembro. Enoque ao referir-se aos 100 kwanzas diz não ter conhecimento do facto mais que iria junto dos seus supervisores que se encontravam no terreno

investigar o caso.

“O dinheiro é do nosso suor, pois que temos de cavar o mbundi, assar carvão e recolher lenha caminhar 24 quilómetros para o município do Chinguar, onde temos os nossos clientes. Demos o dinheiro, porque estávamos necessitados e queríamos realmente ajuda”. Frisou uma



senhora desesperada pela ajuda.

Uma outra senhora que aparenta ter 60 anos afirmou que, pelo menos que lhes sejam devolvido o dinheiro.

Porém o Soba afirma que, além do dinheiro que as pessoas reclamam, ainda têm problemas de escolas e posto médico que há um tempo atrás o FAS prometeu construir em que até hoje nunca mais voltou. A única escola que possuem lecciona apenas até a 4ª classe o que implica que aqueles que estudam a 5ª classe, desistem ou têm de caminhar 22 quilómetros todos os dias para a Sede do município.

“A minha terra produz quase tudo mas falta-nos apoio, precisamos sementes, instrumentos agrícolas, fertilizantes e tracção animal ainda que for em título de empréstimo, para permitir que ninguém mais venha pedir ajuda”. Comentou o regedor, falando dos grandes problemas que enfermam a sua comunidade.

*Enviado pelo grupo
do Gomes - Katchiungo*

A nossa festa da dipanda

Novembro, mês da dipanda. Foi a 11 de Novembro de 1975 que Angola proclamou a sua independência. É assim que Angola entra na história dos países independentes. Alusivo a data o Ondaka encontrou o Dr. Isaías Kachicolo, médico clínico, de bata atendendo os seus pacientes. Pedimos a ele que nos explicasse sobre algumas lembranças do percurso da nossa independência, logo o médico colocou de parte a sua profissão e começou a falar sobre o assunto. Como médico, também falou da doença do século (HIV/SIDA) assunto que passaremos nas próximas edições.

Ondaka - Doutor Kachicolo, como foi o País antes da independência?

Kachicolo - Antigamente a vida era muito difícil para os angolanos. Todos estávamos sob o jugo colonial, éramos obrigados a



trabalhar nas estradas. Mas apesar desse trabalho de abrir estradas, surgiu a facilidade de comunicação entre cidades. As estradas ficaram asfaltadas, e foi possível fazer turismo por exemplo do Huambo a Benguela num espaço de tempo equivalente a 3h00 e do Huambo a Luanda 6h00.

O- Falou de contratados, havia algumas implicações caso se rejeitasse esse trabalho?

K- No tempo colonial o trabalho era mesmo forçado, porque as pessoas nunca preferiam trabalhar voluntariamente pelas estradas. A Administração colonial tinha criado sipaios que iam para as aldeias apanhar as pessoas. Só os trabalhos de construção de casas eram remunerados a partir dos empreiteiros. O salário era mais ou menos razoável embora ainda fossem enganados. Mas era um trabalho duro seguido com palavras abscenas que descompunham os trabalhadores.

O- Fale um pouco do surgimento dos movimentos partidários.

K- Naquele tempo havia dois movimentos MPLA e FNLA, isso até 1966, altura em que criou-se a UNITA. Portanto muitos de nós estávamos em serviço da tropa colonial e lutávamos contra os movimetos que acabei de citar e que eram da oposição.

O- Como se sentiu na tropa colonial?

K- Apesar de estar a lutar contra os meus companheiros, a vida foi calma não tive muitos impasses. Fiz o recrutamento no Huambo em 1973, só mais tarde fui para o Uíge concretamente no Negage, onde fiquei dois anos.

O- MPLA, UNITA, FNLA. Qual deles estava melhor organizado

e que representava os interesses do povo?

K- Acho que era o MPLA, porque o MPLA nos anos 60 já fazia um programa pela Rádio à partir do Moscovo e depois pelas Emissoras do Congo Kinshasa. Este programa era apresentado pelos angolanos, radicados através da guerrilha naqueles países.

Agora não tenho muito a dizer sobre o partido Unita, porque só apareceram nas cidades aos 25 de Abril de 1974 quando houve a possibilidade dos movimentos saírem das matas e juntarem-se às cidades. Ouvia-se por alto de que havia um movimento do Galo Negro no Leste do País.

O- Como tropa colonial não era problema escutar a Rádio feita pelo MPLA?

K- Como militares éramos quase livres na zona onde estivemos, sintonizávamos o programa Angola Combatente, tem piada que até mesmo os soldados portugueses, quando chegasse a hora de Angola Combatente eles também acompanhavam o programa.

O- Qual era a vossa reacção e dos soldados portugueses?

K- O problema é que muitos destes tropas eram forçados a cumprirem a vida militar, então muitos deles estavam descontentes e com vontade de abandonar Angola e dar liberdade aos angolanos. Enquanto que para nós como angolanos queríamos ver o nosso País livre.

O- Existe algum factor que acha ter facilitado a proclamação da nossa independência?

K- Graças a uma imposição política dos angolanos que quase ninguém acreditava. Ninguém nunca imaginou que os angolanos pudessem tomar a direcção da governação do seu próprio país. Um outro factor foi o golpe que se deu em Portugal, Sipínola quando acabou o governo de Salazar.

O- Como é que sucedeu este golpe?

K- O golpe em Portugal aconteceu por causa da ditadura de Sipínola sobre tudo os militares este deu-se aos 25 de Abril de 1974. Este golpe deu lugar a um governo de transição dando assim a data da independência de Angola no dia 11 de Novembro de 1975, com a exigência dos angolanos e da opinião internacional.

O- Qual foi a reacção dos angolanos após a independência?

K- Os angolanos reagiram muito bem quando receberam a nossa independência, apesar de não terem previsto o que havia de acontecer depois, porque de facto após essa fase surgiu muita confusão entre os movimentos.

Na minha opinião valeu apenas a independência, porque o angolano não podia continuar a ser subjugado pelo colono. É verdade que depois da independência a guerra estragou tudo, pois o governo esteve mais preocupado com o apoio às forças armadas. Mas agora que a guerra acabou acredito que tudo vai melhorar em termos de economia.

O- Muitos são de opinião que a nossa independência devia ter o modelo da Namíbia com a presença dos colonos. Concorda

com essa afirmação?

K- Bom, politicamente eu não estava muito maduro naquela altura, mas acho que se Angola fosse entregue aos angolanos como aconteceu com a Namíbia e com os outros países vizinhos seria ideal. Acredito que Angola em pouco tempo viveria como os outros países desenvolvidos. Penso que houve ódio entre os angolanos e também houve uma particularidade em que os angolanos funcionários queriam vingar-se, isso fez com que alguns portugueses saíssem antes da independência em Angola. Se houvesse uma boa preparação não haveria tanta coisa que aqui se registou.

O- Quanto aos acordos do Luena no dia 4 de Abril de 2002, qual é o seu ponto de vista?

K- Foi um passo grande para os angolanos, porque fomos nós próprios que chegamos a conclusão de que devíamos acabar com o sofrimento do povo. Hoje pelo menos as famílias que andaram dispersas reencontraram-se e tudo começa a mudar na vida dos angolanos.

O- Porque é que o estrangeiro não conseguiu resolver este problema depois de tantas negociações?

K- Numa análise pessoal, houve interesses contrários do que nós queríamos como angolanos em relação aquilo que os estrangeiros queriam. Enquanto o governo resolvia uma coisa, os intervenientes resolviam também outra coisa a favor da oposição, isto fez com que a paz demorasse muito tempo. Acreditamos que havia negócio em volta disso tudo e o próprio angolano é que pagou o preço.

A VOZ DA PAZ

Ouvi esta voz.

Despertei a minha atenção:

Olhei atrás, em frente, a direita e a esquerda. Inclinei a minha cabeça como fosse alguém a orar

Ao levantar a cabeça, vi várias cores e belezas super maravilhosas.

Não tinha imagem de pessoa, animal ou coisa semelhante.

E com esta minha pele negra de africano, sentia profunda alegria no meu coração como fosse o primo na lua de mel. Tudo era uma maravilha. Lá vinha gritando, numa voz solene. Cheguei, cheguei, vim para ficar.

Este é o meu lugar.

E de repente disse-me que ainda estás a ignorar-me, mas também mereces uma parte de razão, porque nem os teus antepassados conheceram-me.

E disse-me mais.

Tens toda razão querido irmão, porque para eu chegar só a este tempo, caminhei longa viagem e eu vou te contar como aconteceu.

Falou então para mim em Umbundu dizendo:

"Vapakulu yove veyá etoto Longonjo"

500 anos de escravatura e trabalho forçado Para pagar o aluguer da tipóia onde eu vinha até 11 de Novembro de 1975.

Mesmo assim, quando cheguei, este trabalho não bastou para pagar tudo, porque desta vez, eu já vinha ora de taxi, ora de machimbombo.

Mas os teus antepassados, já não existiam mais no mundo dos vivos.

Eu não possuía nenhum dinheiro, pois que nem sequer tenho preço.

Então quem devia pagar a minha viagem?

Mas também pensei; se eu aparecer de relâmpago como oferta, nunca deverias cuidar de mim.

Foi assim que me escondi aguardando pelo seu forte sofrimento desde 1975 até ao ano 2002.

Agora que estou consigo, recorda-se sempre desta longa história e cada um de vós deve imaginar quanto custa apenas a minha chegada. Ainda tem mais.

Me procuraste em vários sítios e ninguém te mostrou a cara da verdade.

Só começo em Gbadolite onde me procuraste não me encontrei.

Em Bicesse te induziram no erro.

Em Adis Abeba não te aceitaram.

E em Lusaka pioraste o conflito armado.

Agora só sei que cheguei.

Nem sei de onde vim, por isso é necessário o engajamento de todos, em cuidar de minha vida.

Então eu todo cheio de entusiasmo perguntei:

Por favor diga-me o teu nome;

E ela em Umbundu respondeu-me;

"AME MBEMBWA. NDU KWANGOLA, MWELIYANGOLA"

Por: Osvado Chiquemba
Grupo do Vilinga

O CAÇADORE A SERPENTE

Era uma vez o Caçador sentiu que havia pouca carne na sua aldeia, a procura era tanta até que um dia resolveu ir a caça.

Pegou na sua espingarda e dirigiu-se ao mato. A caminhada foi tanta pela mata e não conseguiu localizar nem sequer um animal.

-Ah! Estou cansado, será que vou regressar a casa sem nenhum animal? De repente deu conta de uma árvore cheia de rolas que estavam a comer as suas frutas.



-Agora sim! Deus olhou bem e caiu a sorte. Disse o Caçador. Mal tentava atirar, as Rolas levantaram o voo. Não faz mal eu vou apanhá-los. Lá montou as suas armadilhas e voltou para aldeia.

Dia seguinte voltou para o local e encontrou que havia nos laços 6 Rolas. Isto é que vai! Eu sabia que hoje teria carne, dizia o Caçador.

Mal tentou subir para pegar as Rolas viu ao lado delas uma Serpente.

-Óh Santa catarina! O que faço agora? Será que hoje não terei carne para petiscar?" dizia o Caçador.

De repente saiu uma voz que dizia: -Não temes de mim venha e tira as suas Rolas. Eu não lhe farei mal algum. Dizia a Serpente. Ah! Amigo não vais enganar-me? como devo provar que não me farás nada? Respondeu o Caçador.

-Suba amigo Caçador eu cumprio com as minhas palavras, porque eu já te vi há muito tempo. Se quizesse lhe fazer mal nem

terias tempo de reagir.

Olha amigo, eu não vim cá para prejudicar o teu trabalho, apenas espero que o mal saia do chão para mim, e não de mim para o chão, porque o nosso objectivo é o mesmo". O Caçador subiu na árvore e tirou as suas Rolas.

UKONGO LA NYOHÃ

Eteke limwe Ukongo wamõla okuti vimbo mwakambebele calwa ositu.

Yasandiliyiwa calwa, toke eye asokolola okukayeva. Wakwata vuta waye walofia vusenge, wanda calwa noke kasangele ocinyama lacimwe.

AKA! Ndakava ndityukila konjo ovoko lacimwe ngambata? Vocipikipiki wamõla uti vumwe weyuka to olonende vyakala okulya apako. Cilo ciwa! Suku wambanja, osande yeya. Wacipopya Ukongo.

Eci aseteka okuloya olonende vyapalãlã. Kacilingi cimwe ngenda ndikavikwata. Wata oviliva noke watyukila kimbo lyaye.

Eteke lyakamukwavo watyukila apa asile oviliva, noke wasanga okuti mwafa olonende vyasoka ebandu. Ococo! Ame ndacikulihile okuti etali ndikwete ositu. Eci aseteka okulonda oco akwate olonende, wamõla konele yavyo Onyohã.

Avoyo a Santa Catarina. Nye ndinga! Anga etali ositu yokulya lakamwe? Wacipopya Ukongo.

Vocipikipiki kwatunda ondaka yapopya hati, ukayokoke enju upa olonende vyove. Ame sukulingi lacimwe. Wacipopya Onyohã. Ah! Ukandikembe, ndikulihã ndati okuti kundipangi lacimwe? Ukongo eye wacitambulula.

Londa ekamba lyange Ukongo, ame nditelisa ohuminyo yo londaka vyange, momo ndakumõla osimbu. Nda ndayongwile okukupanga cimwe, nda kwamwile epuluvi lyokulinga cimwe.

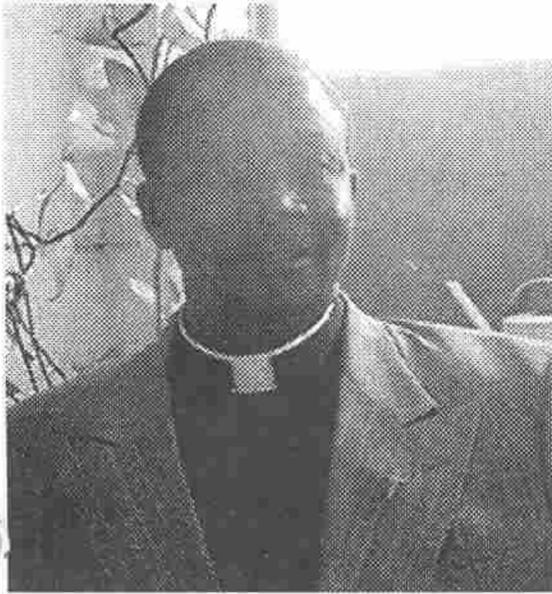
Okwetu ame seyilile okunyõla upange wove, ame ndisinja okuti uvi vutunda posi lokwiya ko kwange, hambi ko kwange okwenda posi, momo ocimahõ cove haco cange. Ukongo walonda vuti, wakopile olonende vyaye.

Enviado pelo grupo do Vilinga

Dia dos defuntos o que é?

Dia 2 de Novembro comemora-se por muitas pessoas por ser o dia dos defuntos. Mas também existem muitos que não acreditam na data. O Ondaka saiu a rua e conversou com o padre Augusto Epalanga pároco do Seminário Menor do Benfica e o pastor Mário Vontade da 1ª Igreja Baptista que falaram desta data.

Apesar disso são muitas as pessoas que pensam de maneira diferente.



O Padre Augusto Epalanga diz que, comemora-se o dia dos defuntos desde o século XI e significa encorajamento da vida, pois que vê-se na morte um caminho que leva o homem até às mãos de Deus.

A Santa amada igreja nos dá uma possibilidade, porque muitos pensam que a vida termina no buraco, mas para os cristãos, este dia não é de luto, mas sim possibilita reflectir sobre aquilo que é a nossa responsabilidade neste mundo.

O pastor Mário Vontade da 1ª Igreja Baptista disse ao Ondaka que o dia dos defuntos tem apenas um significado cultural. Nas Igrejas evangélicas não tem fundamento nenhum, este dia pertence muito mais a igreja Católica. Para o pastor o homem está ordenado a morrer uma vez só. Mas segundo o Padre Augusto avança dizendo que apesar de sermos pessoas que acreditam que a vida não acaba, ainda resta-nos a possibilidade de pensar que somos humanos, e como humanos, não somos perfeitos. Então este dia nos faz pensar naqueles ente-queridos que já partiram deste mundo em que lhes falta algo que ainda não teriam cumprido, então os santos

podem interceder por eles e terem uma vida definitiva com Deus. Por isso os mais velhos dizem em umbundu “nda yakuvatela ko honji okuyasela ukwene”. O livro dos Macabeu escrito a respeito dos defuntos revela-nos que: “Macabeu foi um líder guerreiro, inspirado sempre no amor de Deus. Numa dessas batalhas que eles teriam feito com os seus inimigos, havia uma ordem que ninguém podia tocar naquilo que fosse encontrado como por exemplo os despojos. No grupo daquelas pessoas que eles levaram para combater, houve alguns que tropeçaram, foram ambiciosos e apropriaram-se de alguns objectos que segundo a religião de Judas não se podiam tocar. Mesmo assim Judas, quando tinha descoberto que tinha morto, por este pensamento, fez uma colecta de 2000 dragam e mandou este dinheiro à Jerusalém, para que as pessoas rezassem para estes mortos, praticando assim uma acção muito digna e nobre, pela esperança da ressurreição. “Se Judas Macabeu não acreditasse na ressurreição dos mortos seria supérfluo orar por eles, isto é o que nos anima”. Frisou o padre Augusto.

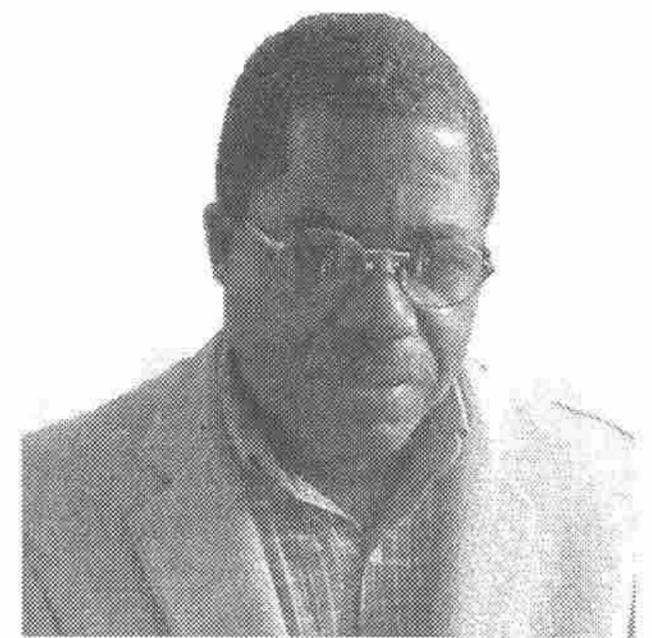
“Eu não comemoro este dia. Posso homenagiar um parente meu que morreu há muitos anos, uma figura da nação, isto não é problema. Agora, no sentido de fazer preces, orações a favor daquele que morreu, isto não encontra resposta para mim.” Rematou o pastor Mário Vontade.

O padre Augusto avança dizendo que para aquelas seitas que não crêem nesta data é uma maneira deles encararem a própria realidade da vida. Se observarmos bem o dia 2 de Novembro é de todos os Santos. Nós acreditamos que as

pessoas que já cumpriram o seu papel na terra encontram-se a contemplar a face de Deus.

Portanto os santos que nós acreditamos são os que intercedem por nós. Nós estamos a manter esta esperança e ainda acreditamos que podemos fazer algo para aqueles que já partiram.

Enquanto o padre Augusto Epalanga diz que o dia dos defuntos é dos santos para o Pastor Mário Vontade atribui a data apenas a igreja Católica.



A palavra de Deus diz que ninguém vem ao pai se não por mim. O santo pecador perdoado não tem virtude nem meio de salvar o outro. Para alguns cristãos que falaram ao Ondaka, analisamos que são os Católicos que mais acreditam nesta data, enquanto que os evangélicos pensam de maneira diferente. Por exemplo o Lino Samunga, Católico diz nunca ter lido na bíblia o significado da data, mas acredita. Quem partilha a mesma ideia é o Americo. “Eu acho que aqueles que não comemoram esquecem os bons e os maus momentos que passamos com quem morreu”. Frisou António Avelino, Catequista da Igreja Católica no bairro do Lossambo. Para a Júlia, Evangélica, disse que lembrar-se dos seus ente-queridos todos os momentos mas não ora por eles porque o único que os pode salvar é Deus mediante as suas obras na terra. Quem colabora com a mesma ideia é o Osvaldo, que diz não perceber orar para os mortos.

NÃO PENSE DUAS VEZES DÊ A SUA MÃO A ESTAS COMUNIDADES

O problema da pobreza de muitas famílias, as deslocações dum lugar ao outro, a capacidade de resposta do governo em construir infra-estruturas sociais coloca fora do sistema de ensino muitas crianças. As comunidades do S. Bartolomeu, Vila Graça não fogem a regra. Preocupadas ficou o grupo Comunitário do Vilinga que de uma maneira quis mostrar o problema e realizou uma pesquisa que visa buscar ajuda aos órgão de tutela. O Ondaka publica esta pesquisa para chamar, pedir que as pessoas de direito apoiem estas comunidades.

O grupo de Publicação Comunitária do Vilinga realizou uma pesquisa com o tema "Crianças fora do sistema de ensino".

A pesquisa surgiu com a finalidade de perceber porque tantas crianças de menos de 12 anos preferiam matricular-se no sistema de ensino de alfabetização.

Sentindo esta pressão na altura do no início das aulas de alfabetização na área de S.Bartolomeu, nasceu então a ideia de fazer uma pesquisa que devia justificar a admissão destas crianças, não só, também para mostrar às pessoas de direito a problemática que este bairro vive em relação ao ensino.

A mesma foi realizada nos bairros da Bomba Alta e Baixa, S.Bartolomeu e Vila Graça.

Nos três bairros só existem duas escolas oficiais do Iº Nível (nº 109 da Vila Graça e 110 da Bomba Alta) que atendem um número aproximado de 1000 crianças para os dois turnos, isto é já desrespeitando o princípio de 35 à 40 alunos por sala.

No bairro da Vila Graça tem uma escola privada do Iº e IIº Níveis denominada Kalepi.

Não tivemos acesso à escola, mas sabe-se que se paga propinas. As famílias entrevistadas assim como

os líderes comunitários, mostraram a preocupação que estão perante este problema de crianças que não vão à escola. Todos sabem que a responsabilidade é do governo para a construção de escolas.

Mesmo assim, os líderes do bairro de S.Bartolomeu afirmaram que para minimizar o problema já têm um lugar preparado para a construção de uma escola. Querem apenas apoio do governo ou qualquer outra organização. As principais causas de crianças fora do sistema de ensino, apontadas pelas pessoas entrevistadas foram:

- **A pobreza das famílias.** A média por família é de 4 à 7 crianças, das quais 2 à 3 frequentam a escola.

- **A movimentação das pessoas de um lugar para outro.** Muitas crianças por causa das movimentações de um lado ao outro encontram as matriculas já terminadas. Principalmente para aqueles que chegam dos aquarteramentos e outras áreas.

- **Poucas infra estruturas de ensino.**

O número de escolas que existe não corresponde com o número de crianças que existem nas comunidades.

- **A idade que o Ministério de**

Educação exige para o ensino regular.

Muitas destas crianças rejeitadas nas escolas por motivos muito bem conhecidos não tiveram acesso a escola com idades exigidas.

Hoje a idade avançou e em contrapartida nem são aceites pelo ensino regular nem são reconhecidos pelo próprio ensino de adultos.

O UNICEF é a única organização que tem um programa para estas idades, mas pelo índice elevado chega não ter capacidade de resposta.

Durante a pesquisa os entrevistados afirmaram que as crianças que não estudam, algumas delas dedicam-se em actividades caseiras cuidando dos seus irmãos. Mas o maior número está envolvido em negócios chamados "zunga", venda ambulante de produtos nos arredores do mercado Canata. Terminada a pesquisa e apresentada aos líderes comunitários dos bairros pediram ao grupo de Publicação Comunitária do Vilinga a fazer uma proposta para a construção de uma escola na área de S.Bartolomeu. O grupo fez a proposta e dirigiu na mesma ao Ministério da Educação, ao PAM e ao FAS, porém a resposta não nos convenceu. Mas temos esperança que alguma coisa irá acontecer.

Enviado pelo grupo do Vilinga

Saúde em nossa casa

Vitaminas provenientes dos ovos e suas funções.

Técnica de conservação.

Vitaminas: São compostos orgânicos com estrutura química muito complexa.

Funções das vitaminas:

São indispensáveis à vida. Exercem no organismo a importante função de biorregulador ou catalizador das actividades metabólicas e das funções celulares específicas e por isso a carência ou falta total de uma ou outra vitamina provoca consequências prejudiciais ao nosso organismo; desequilíbrios graves e nalguns casos, até a morte.

Geralmente as vitaminas abundam nos alimentos fracos, mas em parte são destruídas pela cozedura e pelos processos de conservação dos alimentos.

Nos ovos encontramos as seguintes vitaminas:

Vitamina A que ajuda no desenvolvimento dos cabelos, pele, mucosas

e matem-nos sadios. Ajuda a prevenir perturbações visuais e a resistir as infecções.

B1 Mantem sã a pele, olhos e nervos. Ajuda o corpo a utilizar gorduras, hidratos de carbono e proteínas.

B12 Favorece a produção de glóbulos vermelhos.

Também nos ovos encontramos sais minerais:

P (Fósforo) Contribui para a formação dos dentes e a mantê-los sãos; contribui para o bom funcionamento dos nervos e músculos.

Fe (Ferro) forma os glóbulos vermelhos; ajuda no crescimento

dos músculos, glândulas e nervos.

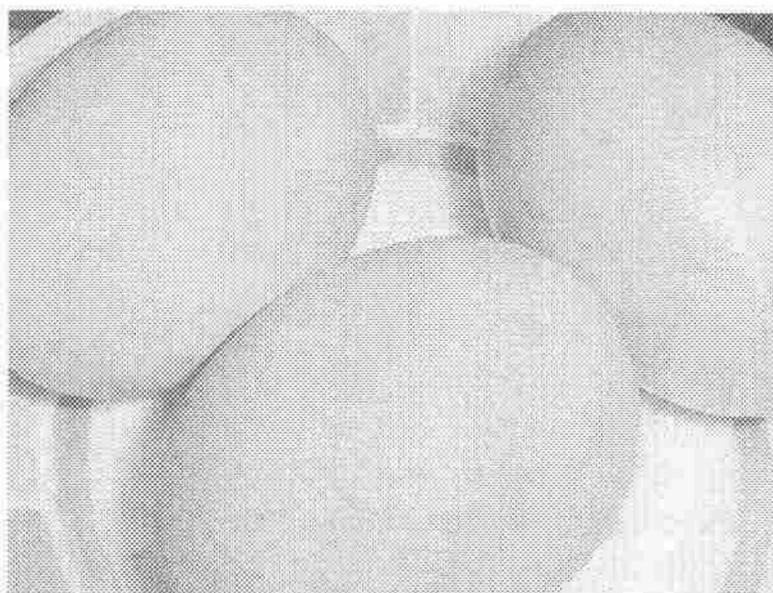
No (sódio) ajuda o sistema nervoso e muscular; mantém o bom equilíbrio celular.

Conservação dos ovos

Antes de falar da técnica de conservação é necessário dizer que:

Os ovos das galinhas sadias e bem alimentadas conservam-se melhor do que os ovos de galinhas doentes e criadas em más condições higiénicas;

Quanto mais fracos forem os ovos, melhor é a conservação; Os ovos não fecundados mantem-se melhor do que os fecundados; Como a casca dos ovos apresenta uma infinidade de pòros que a



torna semí impermeável, o princípio em que se baseia a técnica de conservação dos ovos é o de tapar estes pòros para impedirem quer a evaporação de água presente no ovo, quer também a entrada de ar com microrganismos. Além disso, os ovos devem ser protegidos da humidade e das temperaturas elevadas, pois o calor favorece a formação do bolor.

As primeiras técnicas para a conservação dos ovos são três e todas de fácil execução: conservação em óleo, conservação em sal e conservação por

refrigeração.

Conservação em óleo: é um método de resultados seguros e é especialmente indicado para uma família. Coloca-se uma camada de ovos frescos e com a casca limpa numa panela cobre-se completamente com óleo deixando-os repousar por 24 horas, depois retiram-se do óleo e deixam-se ficar por um dia inteiro. Posteriormente enxugam-se ligeiramente, envolvem-se em papel absorvente e colocam-se num lugar seco, matendo-os direitos. Podem-se também colocar, sem embrulhá-los em papel numa caixa com serradura, tendo sempre cuidado de mantê-los direitos.

O óleo que se consome é pouco e o que sobeja pode ser utilizado para fritar. Com este sistema os ovos conservam-se por dois anos, desde que sejam usados fresquíssimos.

Conservação com o sal: mergulham-se os ovos numa solução de água e sal (8-10% de sal) que penetrando no interior dos ovos pelos pòros da casca tornam-nos menos sujeitos a

alterarem-se.

Devem-se deixar os ovos na solução por 3-4 horas antes de retirá-los e expô-los ao ar: enxuga-se a casca. As partículas de sal, obturando os pòros, impedem ao ar e aos microrganismos de penetração;

Com a refrigeração em frigorífico: os ovos mantem-se inalterados por 8-10 meses, uma vez retirados dos frigoríficos, à temperatura e ambiente devem ser consumidos o mais possível.

Enviado pela Concern Segurança alimentar.

CONHEÇA AS VARIEDADES DE CAPIM

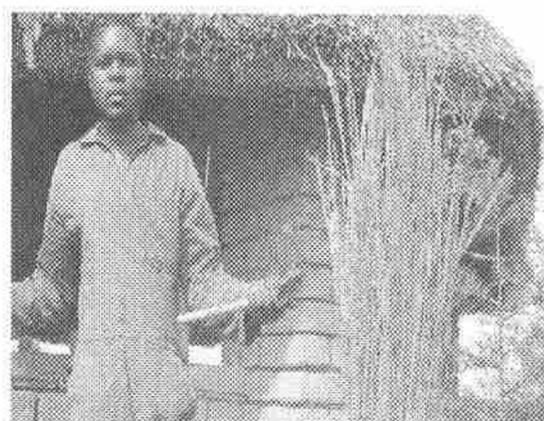
O capim é sem dúvida o material mais usado nas comunidades rurais. Parece mesmo um material que começa a entrar na vida cultural deste povo. Embora começou a ser desprezado logo a chegada dos colonialistas. Mas é ao mesmo tempo uma das coberturas mais cara do mundo. Basta ver pela beleza invejável que este material tem. Assim urge a necessidade de se pensar em políticas que venham assegurar este património natural.

No número passado tentamos mostrar as espécies, vantagens e desvantagens do uso do capim. Neste número estamos a mostrar através de imagens os tipos de capim que temos na nossa região. Também os materiais usados para a preparação do capim e ter uma cobertura de sucesso. Estes materiais são feitos localmente.

4- Tipo de vassoura

Variedade de capim

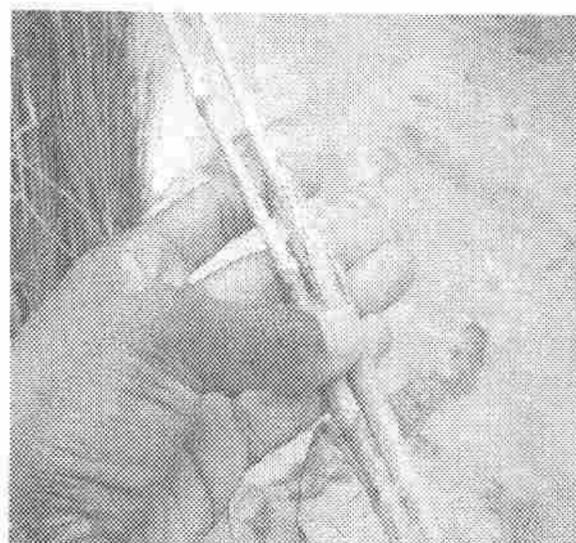
1- Osenje



2- Atetele



3- Mbinda

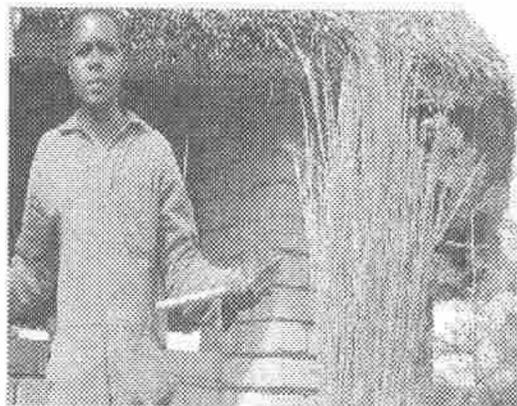


Armazenamento

O ar deve circular nas pilhas de capim para evitar que o mesmo apodreça, e não se deve colocar directamente ao chão.

Ferramentas

Pente- serve para tirar as impurezas (lixo) do capim durante a colheita.



O Compactador- serve para compactar e manter o capim de

forma regular durante o processo de colocação, para dar o aspecto arquitectónico às superfícies.



O uso deste material é aplicado de maneiras diferentes de regiões para regiões, isto é, algumas populações desenvolveram a tecnologia melhor que as outras (por exemplo na região Leste de Angola as coberturas de capim têm mais qualidade em relação as outras). Por exemplo, no Huambo-Chiteta ex- centro de acolhimento é maravilhoso como usam o capim. Não só usam-no para a cobertura mas também, para as outras coisas.

O uso de capim em Chiteta,



Enviado pela Bernardete Lutucuta

A CIÊNCIA AVANÇA A PASSOS LARGOS

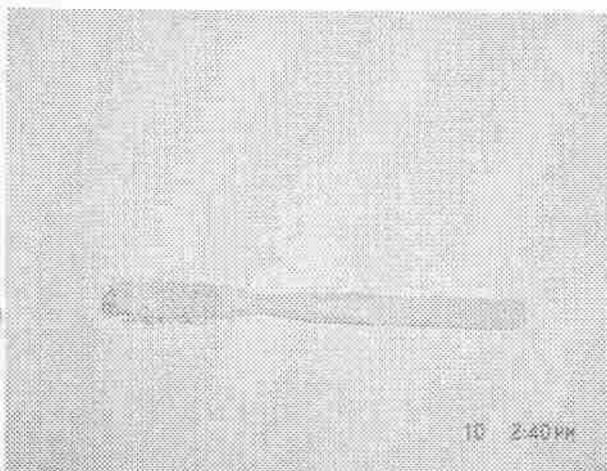
A ciência deu hoje passos muito grandes. As nossas comunidades até hoje usam escovas de paus provenientes de algumas árvores frutíferas (akulakulã). Também mesmo sem relógio conseguem através do sol orientar-se em relação ao tempo. Nesta página trouxemos algumas novidades.

ESCOVA DE DENTES

A escova mais antiga foi encontrada numa tumba egípcia de 3 mil anos a.c. Era um pequeno ramo com ponta desfiada até chegar às fibras, que eram esfregadas contra os dentes.

A primeira escova de cerdas, parecida com a que conhecemos, em que surgiu na China, no fim do século XV. Feita de pêlo de corpo, as cerdas eram amarradas em varinhas de bambu ou pedaços de ossos.

Muito tempo depois, percebeu-se que as escovas de pêlos de animais juntavam humidade prejudicial à higiene da boca, por causar cheiro.



Além disso, as extremidades pontiagudas das cerdas feriam as gengivas.

O problema seria resolvido com o surgimento da escova de dentes com cerdas de náilon, em 1938, nos Estados Unidos.

A escova de dente elétrica tinha design suíço, mas foi desenvolvida nos Estados Unidos, em 1961, pela empresa Squibb. O nome da escova era Broxodent.

As primeiras referências a um “fio de seda encerado” para limpar as sujeiras dos dentes e da gengiva são de 1850.

Mas o fio dental só ganharia força depois de ter sido lançado pelo Johnson em 1896.

Durante a Segunda Guerra Mundial, como a seda era destinada à fabricação de pára-quedas, o fio dental foi feito com náilon. E assim na década de 1970, apareceu o fio dental com sabor.

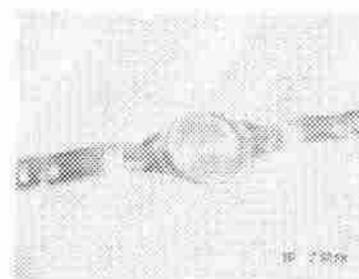
RELÓGIO

O inventor do relógio de pulso foi o mesmo do avião: o brasileiro Santos Dumont.

O “pai da aviação” pretendia cronometrar o tempo de voo de seus aviões durante as experiências.

Naquele tempo, os relógios ficavam nos bolsos, presos à uma corrente.

Como Santos Dumont não podia tirar as mãos do manche para



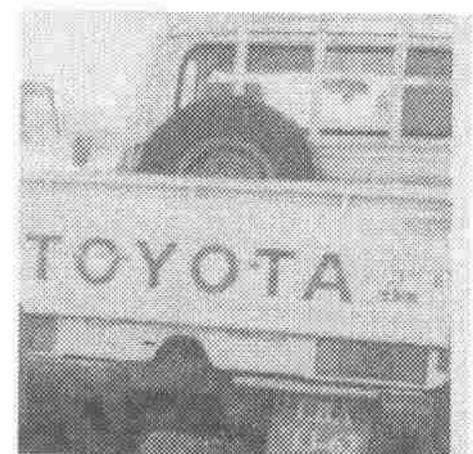
pegar o relógio, encomendou ao joalheiro Cartier um modelo que ficasse fixo no braço e facilitasse o controle das horas.

AUTOMÓVEL

O primeiro homem a dar uma volta em uma engenhoca movida a vapor foi o oficial de artilharia francês Nicolas Cugnot.

Em 1769, o seu veículo de três rodas alcançou a velocidade de 4 km/h em uma rua de Paris. Um ano depois, ele apresentou um novo modelo para o transporte de canhões.

O primeiro carro prático que teve sucesso em uma corrida de teste foi



um veículo de três rodas construído por Benz, um engenheiro mecânico, em 1885.

Foi o americano Henry Ford (1863-1947) que construiu o primeiro carro movido a gasolina (1893). Dez anos depois, ele passou a fabricar carros em série na sua fábrica em Detroit, reduzindo seus custos drasticamente e tornando o automóvel um meio de transporte acessível. Os primeiros foram os modelos T, construídos de 1908 a 1927.

Tirado em:

www.guiadoscristos.com.br

O QUE A MENTE NUNCA ESQUECE

A GÉNESE

Em 1956, estava a Costa do Ouro há poucos meses de se tornar independente, sob o nome de Gana, quando personalidades como Viriato da Cruz, Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade decidiram fundar o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

O objectivo era a “edificação de uma sociedade moderna e pacífica”, independente de interferências externas.

Os nacionalistas que então circulavam pela antiga República Democrática da Alemanha (RDA), pela extinta União Soviética, por Portugal e pelo Norte de África entenderam que, no fim da década 50 seria possível trabalhar pelo “progresso do povo angolano”.

A tarefa veio a revelar-se mais complicada do que pensavam.

INÍCIO DA LUTA ARMADA

No princípio de 1961, era já independente o vizinho Congo (que fora belga), houve uma revolta de camponeses na Baixa do Cassange e o MPLA atacou cadeias de Luanda, no início da luta armada contra a administração colonial portuguesa.

A DESCOLONIZAÇÃO

Em 21 de Outubro de 1974 cessaram as hostilidades entre Portugal e o MPLA, tendo este partido assinado um acordo de não agressão com a UNITA e, mais tarde, outro com a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), de Holden Roberto.

Em Janeiro de 1975, os três movimentos assinaram na cidade queniana de Mombaça uma plataforma comum para a negociação com Portugal, que viria a concretizar-se na localidade

algarvia de Alvor, mas sem grandes resultados a longo prazo. Em Março deste ano, a FNLA e o MPLA estavam em guerra, tanto em Luanda como nas regiões do Uíge e do Zaire, perto da fronteira congolosa.

Em Julho, o MPLA expulsou a FNLA da capital, iniciando assim a sua grande caminhada para a tomada total do poder.

A INTERVENÇÃO DE CUBA

Aos 5 de Outubro de 1975, chegaram a Porto Amboim, no Kuanza Sul, as primeiras unidades regulares de Cuba enviadas por Fidel Castro em apoio do MPLA, que assim viria a ficar muito dependente da Havana.

No dia 11 de Novembro, o partido de Agostinho Neto proclamou, em Luanda, a República Popular de Angola. Só três meses depois viria a ser reconhecida por Portugal e apenas em 22 de Novembro de 1976 admitida na ONU.

O GOLPE DE NITO ALVES

Em 27 de Maio de 1977, Nito Alves, membro do Bureau Político do MPLA, tentou derrubar Agostinho Neto, julgando que contaria para isso com o apoio de Moscovo. Nito Alves considerava que havia desvios na construção do “verdadeiro socialismo” e que Angola ainda não era verdadeiramente independente.

AS ELEIÇÕES DE 1992

O MPLA foi o vencedor das legislativas de 1992, com 129 deputados eleitos, face aos 70 da UNITA, aos seis do Partido da Renovação Social e aos cinco da FNLA.

José Eduardo dos Santos não conseguiu, porém, triunfar logo à primeira volta das presidenciais

porque não ultrapassou a barreira dos 50 por cento de votos expressos. A guerra reacendeu, e só em 19 de Maio de 1993 é que os Estados Unidos reconheceram oficialmente a existência de um Estado angolano personificado no MPLA, que há mais de 16 anos procurava neutralizar o grupo liderado por Jonas Savimbi. Nunca chegou a haver uma segunda volta das presidenciais de 1992.

José Eduardo dos Santos manteve-se como Presidente em exercício, até às novas eleições.

O ACORDO DE LUSAKA

Em 20 de Novembro de 1994 o líder do MPLA foi a Lusaka, capital zambiana, para a assinatura de um acordo com a UNITA.

Em Dezembro de 1995, deslocou-se aos Estados Unidos, onde seria recebido por Bill Clinton e pelo anterior Presidente, George Bush. A América encontrava-se cada vez mais interessada no petróleo angolano, abandonando as suas antigas desconfianças em relação ao MPLA e transformando-o em parceiro.

*Enviado Pela Adelina Morqueir
escrito por: JORGE HEITOR*

ANEDOTAS

- O ferro com ferro se aguça e o homem afina-se ao contacto com os outros.
- Ninguém descobre as suas veredas, somente aquele que tudo sabe e conhece.
- Quem coagula o leite tira dele a manteiga.
- A derrota só tem uma mãe, mas a vitória é mãe de todos.

Enviado pelo grupo do Vilinga

ONDAKA

O nosso boletim comunitário

ONDAKA:

financiado anteriormente pela Embaixada Britânica e pelo Comité Holandês para a África Austral (NIZA)